

Mackenzie 150 anos: pioneiro na inclusão educacional desde 1870

Felipe Affonso Llatas Ponce

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: fe.pippo@gmail.com

Maria Virginia Llatas

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: mvllatas@terra.com.br

Roberto Borges Kerr

Universidade Prebiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil.

E-mail: roberto.kerr@mackenzie.br

RESUMO

A palavra inclusão vem acompanhada de vários sentidos e, por influência cultural, é associada a um ramo “progressista”. Vale salientar que não será aplicada a expressão “escola inclusiva” no sentido que fira os princípios confessionais do Mackenzie. No presente artigo, incluir é o mesmo que compreender com a inteligência. Reforça-se a isso que “inclusão é a nossa capacidade de conviver com pessoas diferentes de nós”. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. Nessa perspectiva, este artigo foca que inclusão educacional é assegurar propostas de ensino que possam responder às características de seus alunos com necessidades especiais, incluindo atividades e avaliações.

PALAVRAS-CHAVE

Mackenzie. Educação inclusiva protestante. Acolhimento.

MACKENZIE 150 ANOS: PIONEIRO NA INCLUSÃO EDUCACIONAL DESDE 1870

Por Felipe Affonso Llatas Ponce

A palavra “inclusão” frequentemente vem acompanhada de vários sentidos e, por influência cultural, é associada a um ramo “progressista”. Vale salientar que neste artigo não será aplicada a expressão “escola inclusiva” no sentido que fira os princípios confessionais do próprio Mackenzie. É necessário então frisar, a fim de evitar ambiguidade, qual sentido de “inclusão” será aplicado no presente artigo.

Para Ferreira (2010 *apud* Silva, 2015, p. 134), “incluir é o mesmo que compreender que, por sua vez, quer dizer entender, alcançar com a inteligência”. Reforça-se a isso a análise de Mantoan (2005, p. 96):

Inclusão é a nossa capacidade de entender e receber o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de

nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. É para o estudante com deficiência física, para os que têm comportamento mental, para os superdotados, e para toda criança que é discriminada por qualquer outro motivo. Costumo dizer que estar junto é se aglomerar no cinema, no ônibus e até na sala de aula com pessoas que não conhecemos. Já inclusão é estar com, é interagir com outro.

Nessa perspectiva, este artigo foca que “inclusão educacional” é assegurar, elaborar e implantar novas propostas e práticas de ensino que possam responder às características de seus alunos com necessidades especiais, incluindo elaboração de atividades e novas formas de avaliar visando aprimorar o atendimento destinado àqueles estudantes com maiores dificuldades.

Para relacionar a questão de “inclusão” ao Mackenzie, basta analisar a história da própria instituição: o Instituto Presbiteriano Mackenzie iniciou suas atividades em 1870, quando o casal de missionários presbiterianos George e Mary Ann Annesley Chamberlain chega à cidade de São Paulo. A escola se iniciava fazendo valer o princípio de não haver discriminação racial para determinar o ingresso de alunos, classes mistas no tocante ao gênero e a abolição dos castigos físicos. Segundo Mendes (2016), foi possível verificar que tanto a formação das faixas etárias menores como a instrução proporcionada nos níveis intermediários incorporaram, inquestionavelmente, elementos inovadores.

Na Escola Americana, como conhecida na época, o processo de ensino-aprendizagem foi anunciado, em publicação institucional de 1885-1886, nos seguintes termos: “Evita-se, quanto possível, decorar pontos e procura-se antes levar os alunos ao costume de estudar e pensar metodicamente, acumulando princípios e ideias em lugar de fatos destacados” (Instituto de São Paulo, 1885-1886 *apud* Mendes, 2016, p. 51).

Tal modelo rendeu frutos, pois, segundo Hack (2002b), a nova metodologia repercutiu favoravelmente passando a ser referência para a reforma educacional promovida pela província de São Paulo. Em publicação de 1885, assinada pelo seu fundador George Chamberlain, a Escola Americana trata dessa matéria numa perspectiva cristã: “Deus constituiu a família dando-lhe filhos e filhas. Considerando que uma escola cristã deve ser o reflexo da constituição divina da família, não duvidemos de perpetuar o princípio do ensino misto na Escola Americana” (Instituto de São Paulo, 1885-1886 *apud* Mendes, 2016, p. 52). Como é possível perceber, já nos anos 1880, a Escola Americana apresentava uma visão pedagógica moderna, ao enfatizar a liberdade religiosa, racial e política, numa época em que as escolas eram reservadas à elite monarquista e escravagista. Com isso, as bases da inclusão escolar foram fincadas na história da educação brasileira.

Dando um salto no tempo, é possível perceber que o Mackenzie jamais se desviou dos seus princípios, pois, com a intenção de proporcionar acessibilidade ao deficiente também na sala de aula, em 2015, já como universidade, por meio do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento e da Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Acadêmicos, ofereceu aos alunos com necessidades especiais uma atenção diferenciada, o Programa Proato.

O Proato funciona tendo como público-alvo estudantes que possuem algum tipo de deficiência e/ou necessidades educacionais especiais, que são atendidos desde o vestibular até a conclusão do curso. Por exemplo, um aluno surdo terá, em sua sala de realização de prova, um intérprete para auxiliá-lo durante o exame.

Relato da inclusão do Felipe no Colégio Presbiteriano Mackenzie

Iniciando agora um relato em primeira pessoa: durante a infância, eu era aquele aluno que sempre tirava as piores notas, por vezes quase repetindo de ano nas séries iniciais, tendo que depender das recuperações e do beneplácito dos conselhos de classe. Porém, eu nunca fui “burro” ou preguiçoso: na verdade, sou disléxico.

É muito comum ver pessoas que tenham esse transtorno específico de aprendizagem vivendo de forma reclusa por vergonha ou medo. Comigo não foi diferente. Frequentemente fui alvo de *bullying*, de apelidos humilhantes e de zombarias vexatórias. Meu maior medo quando criança era de ir à escola, e, por vezes, fingia estar doente para poder ficar em casa, pois eu sabia que, a partir do momento que chegasse lá, o abatimento iria começar.

Minha situação começou a mudar quando minha mãe me matriculou no Colégio Presbiteriano Mackenzie, quando, prontamente, passei pelo Centro de Neurociências da própria instituição, onde fizeram um relatório mais robusto e completo da minha condição. Indo para aspectos práticos, permitiam-me ter mais tempo de prova, o uso de calculadora, uso de um leitor para que pudesse compreender o enunciado das questões e até mesmo realizar prova oral em determinadas situações. Os professores sempre foram muito humanos comigo, sempre pacientes com meus erros, mas também sabiam ser exigentes na medida certa para que eu não me acomodasse e realmente acreditavam no meu potencial. Com isso meu desempenho escolar melhorou consideravelmente.

Hoje considero o Mackenzie minha segunda casa, os momentos mais especiais da minha vida passei dentro de suas paredes. O lema “Uma vez mackenzista, sempre mackenzista” é muito presente na minha vida: aqui fiz os ensinamentos fundamental e médio, e a faculdade, e até meu primeiro emprego foi na TV

Mackenzie. Não pensei duas vezes sobre qual instituição eu escolheria para iniciar no programa de mestrado.

A Instituição Presbiteriana Mackenzie é centenária, porém jamais ultrapassada, foi capaz de pegar um “garotinho” disléxico, desacreditado em muitos colégios por onde passou e mostrar que sou sim capaz de alcançar voos maiores – entende e aplica verdadeiramente o significado da palavra “inclusão”. Jamais serei capaz de exprimir em meras palavras o tamanho do amor que sinto pelo Mackenzie e pelos professores que tanto fizeram por mim. A melhor forma que vejo então é ser a melhor versão de mim mesmo, colocar em prática tudo que aprendi, ser um indivíduo honesto capaz de impactar positivamente a sociedade de alguma forma. E assim, quando meus ex-professores olharem para mim, dirão cheios de orgulho: “Nossa, aquele foi meu aluno!”.

A AVENTURA DE SER MÃE DE DISLÉXICO

(Depoimento em primeira pessoa da Profa. Dra. Maria Virginia Llatas)

Ser mãe de disléxico é uma aventura única! Estávamos em março/abril de 2000, e o Felipe (ou Pippo como preferirem), meu filho, com 6 anos na época, não queria ser alfabetizado. Ele estava na pré-escola e relutava em fazer as lições de casa, não se interessando por quaisquer atividades que o levassem à leitura de uma simples palavra ou texto. Na época, estudava numa escola pequena perto de casa. O que fazer? Transferi-o para uma escola maior, um colégio alemão, onde não alfabetizavam os alunos no pré e sim na primeira série do ensino fundamental I. O período de calma durou pouco; quando chegou a época da alfabetização, o problema se agravou.

Como sou professora, eu não compreendia como uma criança de 6 para 7 anos que jogava xadrez comigo (e arrasava comigo!) podia não aprender a fazer uma conta de adição ou ler qualquer palavra por mais simples que fosse. Tentei de tudo: montar um caderno com palavras cruzadas da Mônica e do Cebolinha, estudo dirigido de matemática no Kumon, mas vi que somente era um paliativo. O problema maior persistia.

Comecei então a repassar toda a lição de casa com ele todos os dias... houve pouco progresso... daí descobri que a paciência que eu tinha com meus alunos universitários não era a mesma com meu próprio filho. Minha angústia aumentava a cada dia. O que fazer? Este era um dos meus problemas, visto que estava passando por uma situação delicada: minha separação do pai dele.

Nesse meio-tempo, conheci uma escola de reforço perto de casa – Núcleo Estudantil – cujos proprietários, os professores Mário e Rosely, foram meu braço

direito com o Felipe. Devo a eles o sucesso acadêmico do meu filho! Tirei o Felipe do colégio alemão e o levei para uma escola menor. O Felipe já estava na terceira série, passando de ano, mas com muito sacrifício. Estudar não pode ser tão massacrante!

Após diversas conversas com a assistente pedagógica da escola, levei-o ao neurologista. Diagnóstico: distúrbio de atenção sem hiperatividade, mas com dislexia. Levei o Felipe para o Dr. Erasmo Barbante Casella, um neurologista infantil. De acordo com Casella, a maior incidência de disléxicos e TDA ocorre em gravidez tardia, parto demorado e hereditariedade – o Felipe se encaixava nos três quesitos! (Ele nasceu depois de 13 horas de trabalho de parto, de uma mãe na época de 38 anos de idade e de um pai que apresentou muitas dificuldades na época escolar e no ensino superior.)

Havia ainda a necessidade de confirmar o diagnóstico, o que o fiz com uma fonoaudióloga e uma psicóloga. Diagnóstico na mão, descobri que na zona norte de São Paulo, onde moro, não havia escolas preparadas para receber alunos fora dos padrões “normais”.

Na pequena escola, o Felipe permaneceu até a quinta série. No final desse período, e já desgostosa da falta de atenção que meu filho recebia na escola, fui conversar com a orientadora educacional do Mackenzie e, de posse de todos os laudos possíveis, perguntei a ela: “É possível cuidar do meu filho nessas condições?”. E ela me disse: “Sem problemas!”. Daí, matriculei-o no Colégio Presbiteriano Mackenzie, e ele iniciou em 2006 na sexta série do fundamental II.

Dentro do Mackenzie e com reforço escolar no Núcleo Estudantil, a minha vida e a do Felipe mudaram completamente! Tenho somente um arrependimento na vida: não ter levado meu filho para o Mackenzie quando o diagnóstico apareceu! Bem, não se pode ser perfeito em tudo.

MACKENZIE - UMA ESCOLA INCLUSIVA

(Depoimento do Prof. Dr. Roberto Borges Kerr)

Os cristãos reformados, em particular os presbiterianos, desde a Reforma Protestante de Lutero, portanto desde sempre, consideraram a educação uma necessidade e uma obrigação.

As convicções básicas da Reforma Protestante do século XVI ficaram depois conhecidas como os cinco *solas*: *Sola Scriptura* (somente a Escritura), *Solus Christus* (somente Cristo), *Sola Gratia* (só a Graça), *Sola Fide* (só a Fé) e *Soli Deo Gloria* (somente a Deus a Glória). *Sola Scriptura* refere-se especificamente à prioridade da Escritura Sagrada, a Bíblia, como guia de fé e prática, atribuindo “aos fiéis a

responsabilidade de estudar a Escritura de modo esclarecido (princípio do ‘livre exame’)” (Matos, 2021, p. 22). Havia e há, portanto, para os reformadores, a necessidade de os crentes consultarem a Bíblia por si mesmos, “a reforma do século XVI foi baseada na autoridade da Bíblia [...]” (Machen, 2001 *apud* Costa, 2009 p. 69).

Isso criava um grande problema que os reformadores teriam que resolver. Naquela época, quase a totalidade da população era analfabeta. Como fazer analfabetos lerem e consultarem a Bíblia? Também não havia Bíblias traduzidas nas línguas desses crentes. Então o problema dividia-se em dois: 1. alfabetizar os crentes e 2. disponibilizar a Bíblia na língua desses crentes. A missão de evangelizar tornava obrigatório alfabetizar e traduzir a Bíblia para as línguas locais (Pazmiño, 2008, p. 148).

Lutero foi o primeiro reformador a ter sucesso e também o primeiro a se esforçar para resolver esse problema: traduziu a Bíblia para o alemão, e sua tradução é considerada, hoje em dia, como sendo em grande parte responsável pela evolução da moderna língua alemã.

Desde então, os protestantes têm verdadeira obsessão por alfabetização. Os presbiterianos, em particular, sempre consideraram a educação como um complemento da evangelização (Matos, 2021, p. 29). Não era diferente quando o casal de missionários George e Mary Ann Chamberlain chegaram ao Brasil e se depararam com um país com cerca de 90% de analfabetos.

George e Mary Ann passaram a residir em São Paulo, em outubro de 1869, e, já no primeiro semestre de 1870, Mary Ann começou a receber na varanda da sua casa um grupo pequeno de meninas que sofriam constrangimentos nas escolas públicas por serem protestantes (Matos, 2021). Nas palavras de Chamberlain: “o fato de as filhas de muitos pais brasileiros não evangélicos, pertencentes às correntes republicanas e abolicionistas, também sofrendo perseguições nas escolas públicas, buscarem a Sra. Chamberlain, aconselha-nos a recebê-las e a seus irmãos varões” (cf. Hack, 2002a, p. 78). Esse foi o berço da Escola Americana, que depois veio a ser o Mackenzie. Já no nascedouro, a escola buscava ser *inclusiva*. Segundo Garcez (2004 p. 67), “o Mackenzie nasceu em razão de intolerância religiosa [...]”.

Na assembleia de membros da igreja, em outubro de 1870, Chamberlain apresentou um problema: o número de alunas já excedia a capacidade da sala de sua residência, sendo necessário encontrar um lugar maior que pudesse também receber meninos. Mary Ann desejava ampliar o curso e incluir meninos, uma escola mista (Matos, 2021).

É interessante notar que essa preocupação da escola nascedoura em incluir meninos e meninas juntos na sala de aula, bem como outras preocupações que ditaram o comportamento da escola ao longo dos anos, tem origem nos ensina-

mentos de Calvino, o que faz todo o sentido, uma vez que era uma iniciativa de missionários calvinistas: “nos esforços dos reformadores é notável a inclusão de meninas junto com os meninos nas escolas estabelecidas por João Calvino em Genebra e João Knox na Escócia” (Pazmiño, 2008, p. 149). Calvino recomendava também o seguinte: 1. a escola deve ser dirigida por alguém competente, que deve ser bem pago; 2. os alunos pobres não pagam; 3. o mestre principal deve ter dois auxiliares em sala de aula.

Alguns episódios, dois deles relatados a seguir, ocorridos com membros da família que estudaram no Mackenzie reforçam essa preocupação da instituição com inclusão.

Meu avô, William Cleary Kerr (também conhecido pelo nome abreviado de Guilherme Kerr), era pastor presbiteriano e reitor (era esse o título que usavam naquele tempo) do Seminário Presbiteriano Sul de Campinas. Foi o primeiro presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana e desfrutava de muito prestígio nela, mas tinha pouco dinheiro e a família era grande, com sete filhos.

Naquele tempo, o curso fundamental I (curso primário) tinha cinco anos, e o fundamental II (ginásio), mais cinco, e, depois disso, a não ser que o aluno fosse fazer curso superior, consideravam-se encerrados os anos de escola. Caso o aluno fosse cursar o ensino superior, teria que fazer mais dois anos de um curso preparatório que era denominado, por exemplo, de pré-engenharia e seria o equivalente ao ensino médio de hoje em dia. No total, estudava-se durante os mesmos 12 anos antes da faculdade, mas distribuídos de modo diferente.

Quando meu pai, Samuel, terminou o ginásio, queria ir trabalhar, mas meu avô, William, conseguiu para ele uma entrevista com o então diretor do Mackenzie, Benjamin Hunnicut, e o convenceu a vir a São Paulo para tentar conseguir uma bolsa de estudos para estudar Engenharia no Mackenzie. Benjamin, em vez de uma bolsa, ofereceu coisa melhor: um emprego. Um modo de Samuel pagar os seus estudos e a moradia foi trabalhar na própria escola.

Benjamin sabia que Samuel também teria uma outra entrevista na Escola Politécnica da USP e, então, ao final da entrevista perguntou: “E a Poli, como fica?”. Samuel nem titubeou para responder: “Minha decisão já está tomada, eu fico no Mackenzie”. Ficou e adorou cada momento de sua estada de sete anos (dois anos de pré-engenharia e cinco de Engenharia) no Mackenzie e ficou para sempre extremamente grato à instituição tão inclusiva pela acolhida que teve. Tempos depois, Benjamin relatou para William, com orgulho, essa conversa que teve com Samuel.

Elena, minha filha, cursava o primeiro semestre de Jornalismo, mas estava com câncer e em tratamento quimioterápico. A doença originada no fígado apresentava metástases no pulmão, e, então, embora ela tivesse só 18 anos de

idade recém-completados, tinha dificuldade em subir escadas. No ensalamento coube à turma dela uma sala do quarto andar de um dos prédios antigos do *campus*, que não tinha elevador. Elena tinha dificuldades para subir as escadas, mas não se sentia confortável para reclamar com ninguém, a não ser com os pais.

Eloisa, a mãe, foi à secretaria explicar a situação e pedir para que a sala fosse mudada para um lugar mais acessível. Eu, sabendo das dificuldades da instituição com espaço físico, imaginei que não seria possível atender ao pedido e expliquei para Eloisa que talvez o pedido não pudesse ser aceito. Para nossa surpresa, na mesma semana, a turma foi realocada para uma sala do andar térreo, muito mais acessível.

Elena ainda não sabia da novidade e, quando chegou à faculdade para as aulas, foi informada por uma colega que a turma tinha sido realocada para outra sala e acrescentou: “Parece que uma colega nossa está doente e tem dificuldade para subir as escadas, então nos trocaram de sala”. A colega não sabia que estava falando com a própria aluna com dificuldades de locomoção, e Elena, timidamente, não quis dizer que era ela, preferiu não se identificar, mas ficou radiante de poder chegar à sua sala de aula com muito mais facilidade. Eu, como pai, fiquei eternamente grato e reconhecido pelo esforço para resolver o problema com a máxima presteza, demonstrando todo o DNA inclusivo da instituição.

Mackenzie 150 years: pioneer in educational inclusion since 1870

ABSTRACT

The word inclusion has several meanings. Due to cultural influence, it is nowadays usually associated with a progressive ideology. It is worth noting that we will not use the term inclusive school in a sense that violates Mackenzie's confessional principles. In this article, including means the same as understanding with intelligence. Inclusion is our ability to live with people who are different from us. Inclusive education welcomes all people without exception. From this perspective, this article focuses on educational inclusion as ensuring teaching proposals that respond to student with special needs' characteristics, including activities and assessments.

KEYWORDS

Mackenzie. Protestant inclusive education. Host.

REFERÊNCIAS

- COSTA, H. M. P. da. *João Calvino 500 anos: introdução ao seu pensamento e obra*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- GARCEZ, B. N. *O Mackenzie: 1870-1960*. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004.
- HACK, O. H. *Mackenzie College*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002a.
- HACK, O. H. *Mackenzie College e o ensino superior brasileiro: uma proposta de universidade*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002b.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. *Nova Escola*, maio 2005.
- MATOS, A. S. de. *Às ciências divinas e humanas? A Escola Americana, o Mackenzie College e o Instituto Mackenzie: dos primórdios aos dias atuais*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2021.
- MENDES, M. *Tempos de transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973)*. 2. ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.
- PAZMIÑO, R. W. *Temas fundamentais da educação cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- SILVA, C. M. da. Os desafios da Educação Inclusiva e a escola hoje. Anuário de Produções Acadêmico-Científicas dos Discentes da Faculdade Araguaia – SIPE, 2015.